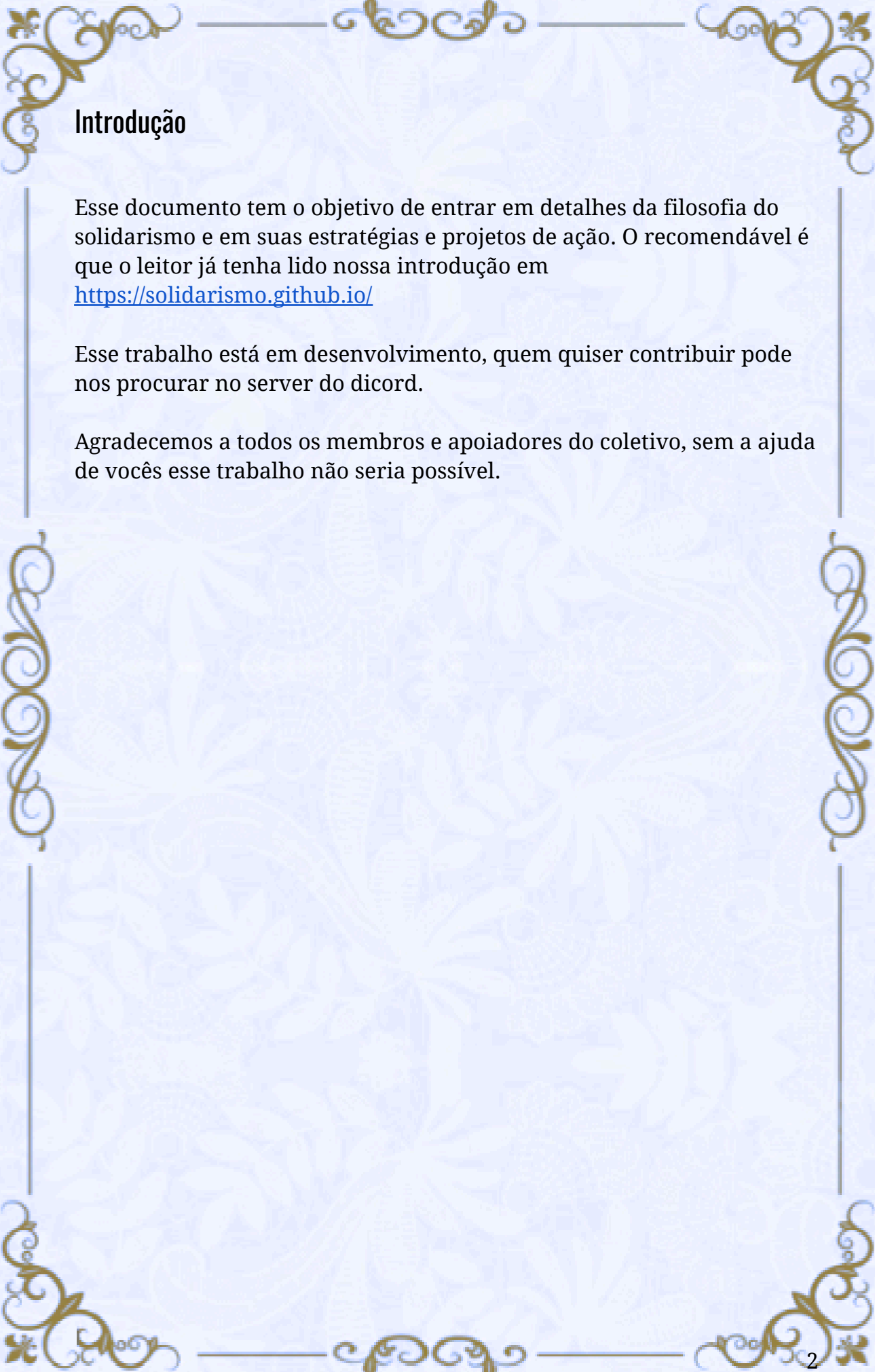


Fundamentos do Solidarismo



Versão 1.1

A decorative border with floral and scrollwork motifs in a light blue/grey color, framing the page. The motifs are placed at the corners and along the top and bottom edges.

Introdução

Esse documento tem o objetivo de entrar em detalhes da filosofia do solidarismo e em suas estratégias e projetos de ação. O recomendável é que o leitor já tenha lido nossa introdução em <https://solidarismo.github.io/>

Esse trabalho está em desenvolvimento, quem quiser contribuir pode nos procurar no server do discord.

Agradecemos a todos os membros e apoiadores do coletivo, sem a ajuda de vocês esse trabalho não seria possível.

Índice

<u>Introdução</u>	2
<u>Polarização - sociedade em ruína</u>	4
<u>Crítica ao sistema capitalista</u>	6
<u>Hiperconsumo</u>	6
<u>Obsolescência programada (em desenvolvimento)</u>	8
<u>Desemprego e desigualdade social (em desenvolvimento)</u>	8
<u>Imperialismo e exploração (em desenvolvimento)</u>	8
<u>Ciência da felicidade (em desenvolvimento)</u>	9
<u>A luta que cura e gera prosperidade</u>	9
<u>Modelo de cooperativas do Solidarismo (em desenvolvimento)</u>	10
<u>Bibliografia</u>	11

Polarização - sociedade em ruína

Políticos usam uma variedade de estratégias para radicalizar e polarizar a sociedade, manipulando emoções para dividir a população em "nós" contra "eles". A tática central consiste em explorar temas sensíveis e divisivos que geram reações emocionais intensas, como segurança, economia e valores culturais. Usam também retórica simplista, culpando um grupo ou indivíduo como causa dos problemas, o que direciona a frustração e os medos da população para "inimigos" específicos. Essas estratégias infelizmente são mais eficazes para atrair eleitores, por isso os políticos (mesmo alguns não gostando dessas estratégias) acabam por utilizá-la.

Uma analogia é que os eleitores acabam se tornando "torcedores de futebol", onde as pessoas se apegam emocionalmente ao "seu lado" e deslegitimam o "adversário" independentemente dos fatos. As pessoas acabam ficando fanáticas, querem a vitória do "seu time" a qualquer custo, mesmo que isso signifique ignorar problemas e erros do seu "time político" ou acreditar e espalhar mentiras.

Esse cenário gera uma migração dos centros políticos para os polos, essa radicalização gera irracionalidade e antipatia, impede a construção de ideias conjuntas, pois qualquer proposta é rejeitada pelo simples fato de vir do lado oposto. À medida que as interações sociais e as decisões individuais isolam as pessoas em grupos que não mais dialogam, o sistema político se torna incapaz de abordar a ampla gama de questões - ou formular a variedade de soluções - necessárias para o governo funcionar e fornecer os serviços essenciais para a sociedade.

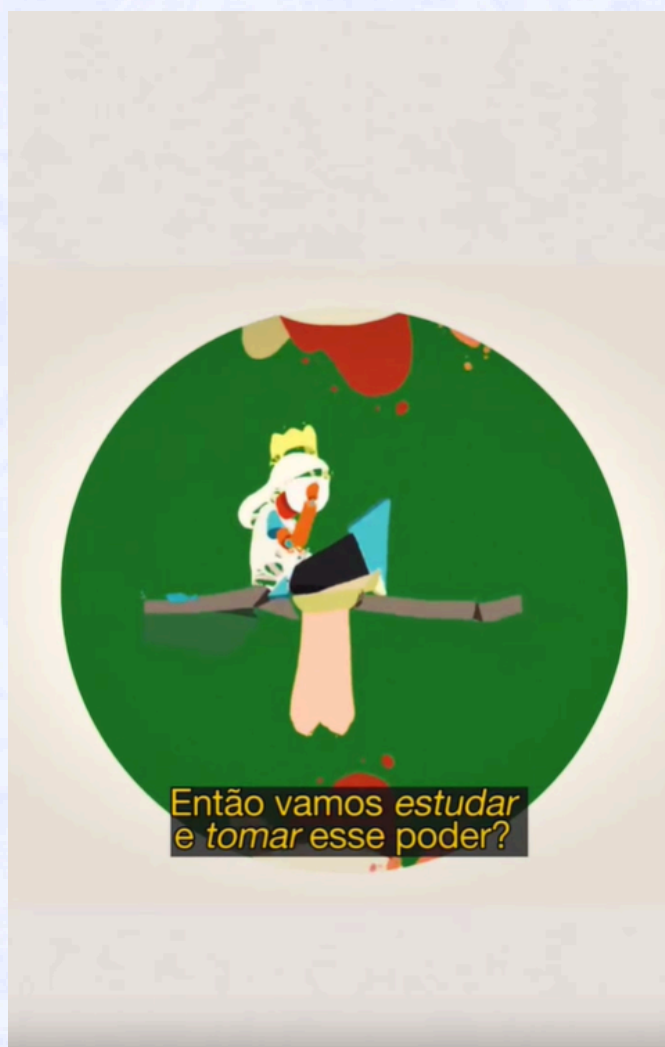
No Brasil, além da polarização global, há também a questão do imediatismo, com políticas públicas se tornando "políticas de intenção" sem plano de implementação real, muitas vezes apenas para atender ao marketing. O Estado tem sido usado por grupos de interesse que promovem políticas públicas visando seus próprios privilégios, enquanto isso o povo é enganado por táticas de distração, toda hora criam polêmicas ou incidentes superficiais para desviar a atenção do povo.

O Solidarismo busca reduzir a polarização e a irracionalidade que enfraquecem o tecido social. Enquanto políticos adaptam seus

discursos, fazem novas alianças com aqueles que trocavam ofensas poucos anos atrás, a população continua sendo enganada e prejudicada. Não podemos ser torcedores de políticos, precisamos nos atentar aos fatos, guiados pela serenidade e pelo compromisso com a verdade. Defendemos uma política transparente e fundamentada em evidências. É essencial expor ao povo aqueles que utilizam o ódio e a divisão como ferramentas de poder, precisamos votar melhor, chega de votar com a irracionalidade e o ódio.

Vídeo sobre a polarização no Brasil:

https://solidarismo.github.io/polarizacao_brasil.mp4



Crítica ao sistema capitalista

Hiperconsumo

O desenvolvimento econômico e social atual é cada vez mais pautado pelo crescimento do consumo, que gera lucro para o comércio e grandes empresas, aumentando empregos e renda, o que, por sua vez, fomenta mais consumo. Qualquer ruptura nesse ciclo implicaria uma crise, pois a diminuição da renda levaria ao aumento do desemprego e ao comprometimento do acesso a bens essenciais.

Uma das principais críticas ao sistema capitalista é justamente a emergência deste modelo de consumo. Embora suas raízes remontem à Revolução Industrial, foi com o surgimento do "American Way of Life" (o estilo de vida americano), popularizado nos Estados Unidos em 1910, que o consumismo se intensificou. Isso gerou uma crise de superprodução nas fábricas, que acumularam estoques de produtos sem um mercado consumidor capaz de absorvê-los, levando à crise de 1929.

Para combater os efeitos da crise, o governo desenvolveu políticas de intervenção econômica no chamado "New Deal" (Novo Acordo), visando aquecer a economia. A partir desse momento, para garantir a continuidade da produção em massa, foram instituídos modelos de desenvolvimento baseados na ampliação da renda e no crédito facilitado, promovendo um aumento ainda maior do consumo. Embora essas políticas tenham ajudado a encerrar a crise econômica do século XX, instauraram uma problemática maior, já que o consumo pelo consumo é um meio contraditório e insustentável de manter o desenvolvimento das sociedades. Essa dinâmica persiste até hoje.

As críticas à sociedade de consumo não se limitam à economia, abrangendo também aspectos ambientais. Um dos impactos do consumismo é a intensificação da exploração dos recursos naturais para a produção contínua de mercadorias. Estima-se que seriam necessários quatro planetas e meio para sustentar o nível de consumo

dos Estados Unidos caso todos os países adotassem o mesmo padrão, acelerando as mudanças climáticas e o colapso ambiental.

Esse cenário acarreta a devastação de florestas, o esgotamento de recursos renováveis como água potável, florestas e solos, além de acelerar a extinção de recursos não renováveis, como petróleo e minérios fundamentais para inúmeros produtos.

Outro ponto crítico da sociedade de consumo é a prática da obsolescência programada, ou planejada, que consiste na produção de bens deliberadamente projetados para terem vida útil curta, incentivando o consumidor a substituí-los em pouco tempo. Isso aumenta não só o consumo, mas também a pressão sobre os recursos naturais e a geração de lixo, exacerbando os impactos ambientais.

Consumo e identidade

“A razão pela que consumimos dessa forma, além de nossas necessidades, é porque o consumo é ideológico em seu núcleo”, diz Steve Miles, sociólogo da Universidade Metropolitana de Manchester e autor de livros como *Consumerism: as a way of life* (Consumismo como meio de vida). “Somos obrigados a consumir de modos que não são naturais, mas que servem para manter o status quo”. O melhor exemplo dessa forma irracional de consumir é a prática de ir a algum shopping, fortemente impulsionada pelas, publicidade, cinema e pela televisão: comprar por comprar se transforma em uma atividade de lazer de fim de semana e até em uma terapia para momentos de crise. A protagonista da série volta ao anoitecer para casa, com os braços cheios de sacolas de lojas, muito mais tranquila após passar a tarde percorrendo as lojas do centro. Agora isso sequer é necessário: basta uma conexão com a internet para comprar de casa produtos vindos de todo o planeta e tê-los em pouco tempo na porta de casa. Em comparação com os anos 1970, quando os consumidores eram expostos a cerca de apenas 500 anúncios por dia em média. Hoje o consumidor é exposto a uma média de 6000 a 10000 anúncios diariamente, um incessante bombardeio ideológico tentando converter as pessoas ao consumismo.

A dinâmica do marketing continua a se desenvolver, cada vez mais “Compramos uma marca porque está alinhada aos nossos valores e porque nos emociona”, diz o psicólogo Albert Vinyals Nas redes sociais

somos expostos aos estilos de vida dos privilegiados e daqueles que fingem sê-lo (influencers posando em iates, piscinas, viagens exóticas. Ao mesmo tempo, marcas de luxo são cada vez mais comuns em bairros pobres, impulsionados por propaganda com ídolos como cantores, jogadores e modelos.

Fica cada vez mais difícil escapar da pressão que é imposta pelo sistema, seja por um estilo de vida, seja por afirmação social. “A moda, o luxo, e o consumo são a versão materialista da felicidade como se ela fosse proporcionada pelo mercado. Sem dúvida, proporciona prazeres. Mas esses prazeres são a felicidade? Não! Consumir não basta. A felicidade exige outra coisa, principalmente na relação com os outros e consigo. O ser humano não pode se reduzir a um consumidor, assim pensa Gilles Lipovetsky.

É fundamental que cada cidadão tome consciência, vendo-se como um indivíduo pertencente ao Planeta e não como um ser egocêntrico. É necessário aprender a separar o joio do trigo, distinguindo o que lhe é essencial daquilo que é supérfluo à sua vida. Afinal de contas, estamos consumindo para viver ou estamos vivendo para consumir?

Obsolescência programada (em desenvolvimento)

Desemprego e desigualdade social (em desenvolvimento)

Imperialismo e exploração (em desenvolvimento)

Ciência da felicidade (em desenvolvimento)

A luta que cura e gera prosperidade

Entrar em um grupo que luta por causas nobres maiores do que nós mesmos sempre fascinou a humanidade. Desde os tempos mais remotos, pessoas se uniram para alcançar objetivos comuns, enfrentar desafios ou simplesmente sobreviver. Para muitos, participar de um movimento que compartilha valores e objetivos é um caminho de cura e crescimento. Isso acontece pelo sentimento de pertencimento, apoio emocional oferecido pelas conexões sociais, propósito gerado pela luta e as conquistas alcançadas.

Pertencimento

Pertencimento é aquela percepção de alguém fazer parte de uma comunidade, de uma família, de um grupo. Está muito ligado ao reconhecimento e a como a pessoa tem respeitadas a sua dignidade, a sua cultura, e as suas diferenças. Fazer parte de algum grupo ou pertencer a algum lugar nos dá um sentimento de importância, de fazer parte de algo que é maior e mais importante que nós. Não se sentir parte de algo, por outro lado, pode causar efeitos muito negativos na saúde física e mental e no bem-estar de uma pessoa.

O sentimento de pertencimento também ajuda na prevenção de alguns problemas de saúde mental, como a depressão, a ansiedade, pensamentos suicidas e o sentimento de estar sozinho. A falta desse sentimento ocasiona baixo suporte social e aumento dos casos de depressão e pensamentos suicidas.

Um dos sintomas da depressão, mais do que o sentimento de solidão, é o sentimento de estar deslocado e não pertencer a nenhum lugar. Isso impacta no círculo social e no sistema de suporte social, o que pode levar a uma piora do quadro clínico. Um estudo encontrou, inclusive, que o isolamento social causa no corpo o mesmo tanto de desejo no cérebro do que a fome. Só que, em vez de comida, desejamos ter contato social.

A hipótese do pertencimento, proposta pelos psicólogos Roy F. Baumeister e Mark R. Leary, em 1995, sugere que o desejo por ter

relações interpessoais é uma motivação fundamentalmente humana. Segundo os pesquisadores, os seres humanos têm necessidade de ter e manter um relacionamento duradouro, estável e significativo com um grupo de pessoas. Essas relações são importantes porque moldam o comportamento, pensamento e as emoções de uma pessoa, trazem vantagens evolutivas e beneficiam a sobrevivência e a reprodução.

No mundo onde cada vez mais as pessoas frequentemente se sentem isoladas ou alienadas, estar em um grupo com um grande propósito pode fornecer um apoio emocional. Muitos que se sentem desconectados da sociedade encontram no agir por uma causa uma forma de pertencimento, algo que responde ao desejo humano de fazer parte de algo maior. Grupos com objetivos compartilhados muitas vezes fornecem um espaço onde as pessoas se sentem compreendidas, aceitas e motivadas. Esse senso de pertencimento ativa áreas do cérebro relacionadas ao bem-estar e à satisfação, resultando em uma melhoria geral na saúde mental. Mais do que uma simples conexão, o apoio mútuo e o incentivo dentro de um movimento ajudam os membros a enfrentar desafios pessoais e coletivos, criando um círculo de reforço positivo e gerando prosperidade através da ajuda mútua. Movimentos geralmente giram em torno de um propósito ou causa comum, e fazer parte disso nos dá um sentido de propósito maior. Saber que estamos contribuindo para algo significativo cria um laço profundo entre os participantes e fortalece nosso sentimento de pertencimento, gerando uma sensação de segurança emocional, porque sabemos que há outras pessoas que compartilham as mesmas lutas, ideias e objetivos. Isso cria um ambiente onde podemos expressar nossas preocupações e buscar apoio em momentos difíceis. O sentimento de pertencimento está ligado ao reconhecimento de nossas contribuições. Sentir-se valorizado dentro do grupo gera satisfação e aumenta a motivação para continuar participando ativamente.

Modelo de cooperativas do Solidarismo (em desenvolvimento)

Bibliografia

Polarização:

<https://jornal.usp.br/podcast/sociedade-em-foco-195-polarizacao-politica-prejudica-a-formacao-de-politicas-publicas/>
<https://www.diariodasaude.com.br/news.php?article=polarizacao-politica-nao-destroi- apenas-democracia-destruir-sociedade&id=15072>
<https://www.faxaju.com.br/noticias/professor-espanhol-diz-que-polarizacao-leva-a-logica-irracional-da-politica/>

Hiperconsumo:

<https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/o-capitalismo-sociedade-consumo.htm>
<https://brasil.elpais.com/cultura/2021-10-08/consumir-procurando-uma-felicidade-que-nunca-chega-como-compramos-para-construir-nossa-identidade.html>

A luta que cura e gera prosperidade

<https://jornal.usp.br/radio-usp/sentimento-de-pertencimento-e-a-necessidade-de-manter-relacoes-estaveis-e-de-moldar-o-comportamento/>